

## 7. PRODUTO EDUCACIONAL: ROTEIRO PARA UMA AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Como podemos notar nas discussões precedentes, é um equívoco ver as pessoas com deficiência apenas observando o problema que a deficiência causa, pois se deve considerar a condição compensatória. Como afirma Vigotski (2021, p. 64), “[...] perspectivas se abrem diante do pedagogo quando ele reconhece que o defeito não é apenas o menos, uma falta, uma fragilidade, mas um plus, uma fonte de força e de capacidades e que nele há algum sentido positivo!”.

Considerando a ideia do autor, é preciso romper com uma imposição do aspecto biológico da psicologia e passar para o campo da psicologia histórica, humana. Para a abordagem histórico-cultural, o desenvolvimento de um indivíduo acontece na relação indivíduo/sociedade, uma interação dialética do homem com o meio sociocultural. Apoiamo-nos na reflexão de Rego (2014):

Segundo a teoria histórico-cultural, o indivíduo se constitui enquanto tal não somente devido aos processos de maturação orgânica, mas, principalmente, através de suas interações sociais, a partir das trocas estabelecidas com seus semelhantes. As funções psíquicas humanas estão intimamente vinculadas ao aprendizado, à apropriação (por intermédio da linguagem) do legado cultural de seu grupo (REGO, 2014, p. 109).

Portanto, fica evidente que todo aprendizado é mediado por uma pessoa mais experiente, isso torna o ensino, a educação, importante no desenvolvimento do indivíduo e no papel que o professor representa para efetivação de uma educação inclusiva de qualidade. A inclusão, sobretudo, é conhecer e colocar em prática estratégias de ensino adequadas às necessidades específicas de aprendizagem dos estudantes.

Ao observar os resultados obtidos em nosso estudo, queremos, nesse momento, apresentar quatro ações pedagógicas com as quais o professor deve se comprometer para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com PC e os benefícios que um recurso da TA traz para o educando.

O primeiro item da ação didática: Planejamento e replanejamento. Etapas do período escolar que poderão ser realizadas pelo professor junto com os alunos sempre que algo novo surgir ou diante de uma necessidade de adaptação e dificuldade encontrada. O cotidiano escolar exige que o professor tenha seu

planejamento organizado, com os objetivos traçados, e saiba como conduzi-lo, que seja flexível, refazendo o planejado sempre que necessário. Vale ressaltar que essa ação deve ser considerada durante e depois da escolha do recurso da TA.

Antes da escolha, é preciso conhecer o aluno, sua história e suas necessidades educacionais, observando habilidades, aproveitando aquilo que o aluno sabe fazer e possivelmente ampliando essas habilidades. Após a escolha do recurso, manter essa prática pedagógica, planejando e replanejando conforme os desafios vão surgindo.

A ideia descrita nessa ação vem ao encontro de Vigotski (2007), que o aprendizado devidamente estruturado e organizado resulta em desenvolvimento. Assim, o ato de planejar deve ser visto como uma transformação da realidade numa direção apontada para organizar a própria ação, executando atitudes positivas e técnicas selecionadas.

A segunda prática sugerida é que, a partir da coleta de informações do aluno, e após definição dos objetivos e metas, seja desenvolvido um trabalho interdisciplinar, colaborativo, com relações de trabalho em conjunto, em que todos os professores que atuam com o aluno mantenham contato diário com trocas de ideias, a fim de resolverem dificuldades, compartilhando decisões e opiniões. Uma colaboração que significa que juntos se responsabilizam pelo processo educacional inclusivo.

Durante nossos encontros, foi possível perceber a dificuldade do aluno no uso do recurso, uma falta de treino no manuseio do teclado. Tentamos, por meio do diálogo com o participante, investigar sobre o uso diário do equipamento, sendo constatado que nem todos os professores usavam o recurso, e quando acontecia a utilização não havia continuidade. Nesse sentido, o trabalho colaborativo pode evitar situações que prejudiquem a aprendizagem. Essa ação visa ser compreendida como uma estratégia pedagógica a ser utilizada pelo professor para favorecer a aprendizagem dos conteúdos contidos no currículo escolar para os alunos público-alvo da educação especial, sendo a colaboração uma ferramenta indispensável para o sucesso da inclusão escolar.

Na terceira ação sugerida, destacamos aqui a avaliação contínua, com acompanhamento constante no uso do equipamento. Esta ação só tem significado se compreendermos o que é uma avaliação.

Quando pensamos em avaliação, estamos falando de como está a aprendizagem dos educandos. E quando essa aprendizagem envolver um recurso

de TA, precisamos avaliar se obtivemos uma melhora em sua qualidade de vida escolar, se eles tiveram uma maior autonomia no desenvolvimento de atividades e uma ampliação da mobilidade e comunicação. A avaliação deve investigar se a TA escolhida concretizou-se como uma resolução de problemas que foram notados antes do uso.

Assim, a avaliação devidamente entendida e utilizada constitui um ponto importante a favor de uma aprendizagem e do acompanhamento e direcionamento de novas ações. Uma investigação que sinaliza se os caminhos percorridos estão sendo apropriados e se as decisões tomadas favoreceram a aprendizagem. Tratar a questão de avaliação não é uma tarefa fácil, em se tratando do aluno com deficiência, especialmente aquele com graves comprometimentos, pois fica ainda mais complexo. Por isso, nosso trabalho traz contribuições importantes para a vida dos alunos com PC, fazendo refletir sobre o ato de avaliar.

Chegamos a um ponto crucial, a quarta ação, a mediação pedagógica. Para que as ações pedagógicas apresentem um resultado positivo é indispensável que o professor as planeje e organize, apresentando-se como mediador pedagógico, um mediador voltado para a aprendizagem do educando.

Trata-se de uma ação contínua do professor e de seus alunos, sabendo ambos esperar, compartilhar, construir aprendizagens por meio de uma ação conjunta, estando sempre disponível para o diálogo, criando um ambiente agradável e de respeito.

Segundo Luria (2017),

No começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas pelos processos naturais, especialmente aqueles proporcionados por sua herança biológica. Mas através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma. Inicialmente, esses processos só podem funcionar durante a interação das crianças com os adultos. Como disse Vigotski, os processos são intersíquicos, isto é, eles são partilhados entre pessoas (LURIA, 2017, p. 27).

Nesse contexto, o professor é um agente responsável pela interação e principalmente pela mediação no processo de aprendizagem significativa do aluno, tentando ser sempre um facilitador desse processo. As escolhas das ações estratégicas para intervenção muitas vezes estão relacionadas às habilidades do educando, sempre na tentativa de ampliar suas oportunidades no contexto escolar, em sua comunicação e tarefas. Perceber habilidades dos alunos com PC pode direcionar as ações de escolhas de recursos e da permanência do recurso escolhido

e não desistência dos equipamentos.

Assim, vencer os desafios encontrados durante o processo educacional da pessoa com PC, que faz uso de recursos da TA, demanda do professor reflexão e tomada de decisões para criar direções adequadas, sendo o professor criterioso para mediar de tal forma que o indivíduo se desenvolva. Todas as ações pedagógicas são importantes, mas um professor mediador consegue ver como está a aprendizagem de cada aluno e aproveitar suas habilidades. Isso acontece porque um professor mediador oportuniza momentos de interações em que cada aluno possa se comunicar com autonomia. Devemos, então, destacar mais uma vez que simplesmente o uso do recurso não é suficiente, são necessárias ações adequadas para caminhos corretos e eficientes. Assim, a mediação como prática pedagógica, executada com responsabilidade, contempla o aluno com uma educação transformadora.

Segue o quadro dessas ações.

Quadro 6 - Ações Didático-Pedagógicas

<b>Ações</b>	<b>O que é</b>	<b>O que mobiliza</b>	<b>Como funciona</b>
1 <sup>a</sup> <b>Planejamento e Replanejamento</b>	Etapas do período escolar para organização de objetivos e metas.	Transformação da realidade, apontamento para organizar a própria ação.	Realizar junto com o aluno sempre que algo novo surgir diante da necessidade de adaptações e dificuldades encontradas. Considerada antes e após a aquisição do recurso da TA
2 <sup>a</sup> <b>Trabalho colaborativo</b>	Trabalho em conjunto, participação de todos os envolvidos no processo educacional.	Trocas de ideias, resolução de problemas, compartilhamento de decisões e opiniões.	Atuação de todos os profissionais por meio do diálogo com alunos, investigação do uso do equipamento.
4 <sup>a</sup> <b>Avaliação contínua</b>	Acompanhamento constante no uso do recurso e a aprendizagem do educando.	Observação e constatação de uma melhoria na qualidade de vida escolar com ampliação da mobilidade e comunicação.	Acompanhamento e direcionamento de novas ações, favorecendo o ato a aprendizagem.
5 <sup>a</sup>	Professor facilitador do	Construção da aprendizagem.	Participação ativa do estudante. Oferecimentos

<b>Mediação Pedagógica</b>	processo ensino aprendizagem.	Desenvolvimento das áreas cognitivas	de desafios e aprendizagens. Aproveitamento das habilidades de cada educando.
----------------------------	-------------------------------	--------------------------------------	---

Fonte: elaborada pela autora (2022)

Nesse sentido, nossa pesquisa mostrou que o recurso escolhido e proposto contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem do participante. Visto que, no decorrer das atividades, trabalhamos com áreas do processo cognitivo como: percepção, atenção, concentração, memória, pensamento, linguagem, e conteúdo de disciplinas escolares, conquistando avanços significativos. No instante que, o participante desenvolvia as atividades, conseguia ouvir e visualizar quantas vezes fosse necessária cada atividade, obtendo autonomia e independência.

Também devemos deixar nossa contribuição apresentando um quadro com as dez fases propostas no protocolo de avaliação para implementação da TA, que consta no ATACP, com intuito de auxiliar na organização de caminhos e nas ações diádicas aqui sugeridas no quadro 6.

Quadro 7 - Avaliação de Tecnologia Assistiva

Coleta de informações do usuário	Compreende o conhecimento do aluno, sua história, necessidades e intenções com o uso da TA.
Identificação de necessidades	Identificação das necessidades do contexto escolar, incluindo as necessidades do professor, dos colegas, os desafios curriculares, as tarefas exigidas no âmbito coletivo da sala de aula e as possíveis barreiras encontradas que impeçam o acesso do aluno aos espaços da escola, às relações interpessoais e/ou ao conhecimento.
Identificação de resultados desejados	A partir do conhecimento e da identificação das necessidades do aluno, são estabelecidas metas e definidos os objetivos que a equipe pretende alcançar. Para tal, consideram-se as expectativas do aluno e do contexto escolar.
Mecanismos de fortalecimento da equipe	Em um serviço de TA a ação interdisciplinar deve ser acompanhada com a participação da família e do aluno para que se obtenha um bom resultado. Durante todo o processo de avaliação e implementação da TA deve-se buscar a valorização e organização do serviço

	implementado, o gerenciamento de tarefas, a escolha de lideranças para cada caso, trocas efetivas de experiências entre os membros da equipe, objetividade das ações implementadas e a participação igualitária de todos os membros do grupo.
Avaliação das habilidades	O principal objetivo da avaliação do aluno é pesquisar suas habilidades. Em TA aproveita-se o que o aluno consegue fazer e amplia-se esta ação por meio da introdução de um recurso.
Seleção/confecção e teste de recursos	Conhecendo as necessidades e habilidades do aluno e determinando claramente os objetivos a atingir, faz-se a pesquisa sobre os recursos disponíveis para aquisição ou desenvolve-se um projeto para confecção de um recurso personalizado, que corresponda aos objetivos traçados.
Revisão dos resultados esperados	O aluno poderá necessitar de algum tempo para experimentar, aprender e avaliar se o resultado obtido com o auxílio do recurso corresponde às suas expectativas e necessidades. A avaliação da eficácia do recurso é fundamental antes da aquisição do material, principalmente, quando estiver relacionado a um recurso de alta tecnologia e alto custo.
Compra do recurso	Confirmada a eficácia do recurso proposto, este deve ser fornecido ao aluno na escola ou sua família deverá ser orientada para a aquisição.
Implementação da TA	Todo o projeto de TA encontra sentido se o aluno termina o processo de avaliação e leva consigo o recurso que lhe garante maior habilidade. O recurso de Tecnologia Assistiva pertence ao usuário e não pode ficar restrito ao espaço do atendimento especializado. A implementação da TA se dá, de fato, quando o recurso fica a serviço do aluno em todos os espaços. A equipe de TA deverá conhecer fontes de financiamento e propor à escola a aquisição dos recursos que venham atender às necessidades de sua clientela.
Seguimento e acompanhamento constante	A equipe de TA deverá seguir o aluno e acompanhar o seu desenvolvimento no uso da tecnologia. Modificações poderão ser necessárias, novos desafios funcionais poderão surgir e as necessidades do dia-a-dia trarão novos

---

objetivos de intervenção para estes profissionais.

---

Fonte: elaborado pela autora com base no Protocolo de Processo Básico de Avaliação segundo Bersch e Pelosi (2006)

Figura 14 - Atividades



Fonte: Acervo da autora (2022).

Constatamos que na tentativa de controlar os movimentos da cabeça e do piscar dos olhos, era necessário manter o foco para conseguir realizar os comandos e habilidades motoras para conduzir as respostas solicitadas. Assim, áreas importantes para a aprendizagem estavam sendo desenvolvidas. Cada movimento, havia necessidade da atenção constante do indivíduo.

As propostas da disciplina de língua portuguesa destinadas ao participante também exigiam reconhecimento do nome próprio, do alfabeto, da organização de ideias e da memória visual, ajudando no processo de alfabetização e no acesso a informações. O teclado nesse instante tornou-se uma ferramenta que possibilitou ao participante oportunidade de vivenciar de maneira ativa e sua inserção no universo da alfabetização. Dessa forma, com uso da tecnologia foi possível viabilizar acesso ao currículo e na eliminação de barreiras impostas devido dificuldades motoras.

A participação nas atividades fazendo uso do recurso evidenciou a compreensão do solicitado e em alguns momentos dificuldade em reconhecer letras do alfabeto. No entanto, foi possível compreender o aluno e perceber suas dificuldades e algumas defasagens na disciplina apresentada. Vale ressaltar que a todo momento houve um diálogo entre as partes envolvidas no encontro.

Nas disciplinas de matemática e geografia, percebemos ganhos com as formas oferecidas, sendo possível o participante expressar seus conhecimentos. Um processo que resultou em novas informações, aumentando, a capacidade de processar novos conceitos e habilidades. Durante o desenvolvimento das atividades também foi percebida uma defasagem de conteúdo, tendo apresentado o participante dificuldades em reconhecer todos os números e em coloca-los em sequência, sendo necessário uma intervenção maior para concluí-las, trazendo informações para ajudar na conclusão das atividades.

Notamos que aos poucos o participante da pesquisa ia se adaptando aos comandos e tornando-se cada vez mais ativo. Em cada atividade foi possível perceber que o teclado e o aplicativo ampliaram possibilidades e mudanças favoráveis e significativas na oferta de oportunidades. Destacando que durante o uso do teclado, atuamos como mediadores, intervindo e auxiliando em cada atividade, mas garantindo sua autonomia e colocando-o em situações de resolução de problemas.

Segundo Vigotski (2007) para o desenvolvimento humano é relevante as experiências presentes em sua cultura. O autor realça a importância dos processos interativos, na utilização da linguagem para a construção das estruturas mentais superiores. Entretanto, as dificuldades e limitações da pessoa com PC, tendem a ser tornar uma barreira para o desenvolvimento das atividades e em sua aprendizagem.

Com o teclado, podemos afirmar que conseguimos eliminar barreiras e possibilitamos maior autonomia e colocamos o participante frente a desafios e experiências de forma ativa. Nesse material, chamamos atenção para reflexão sobre as ações que devem ser observadas em sala de aula, com relação ao planejamento, trabalho colaborativo, avaliação contínua e mediação pedagógica. Sendo que a mediação pedagógica deve ser organizada em torno de um recurso da TA, apresentando como disparador a criação de situações significativas que poderão construir conhecimentos e desenvolver determinadas habilidades e competências nos educandos com PC. A principal característica é a ideia de que as atividades

propostas devem ser pensadas com objetivo de colocar em prática a autonomia dos educandos. Não podendo tratar essas atividades como treino, mas de propiciar oportunidades, de formular e responder questões de forma ativa.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossa pesquisa, utilizamos recursos da CAA e da TA com acessibilidade ao computador, com o objetivo de verificar oportunidades que este e possivelmente outros recursos possam oferecer aos educandos com PC. Nesse contexto, queremos ressaltar que, para a utilização e aproveitamento dos recursos da TA, são necessárias ações adequadas no ambiente escolar, procurando formas de minimizar as dificuldades encontradas e aproveitando as habilidades de cada indivíduo.

Pesquisas na área da educação especial e da TA discutem sobre a necessidade de recursos e sua disponibilidade para os alunos com PC. Estudos esses que destacam a necessidade de adaptações de acordo com as habilidades e necessidades de cada indivíduo. Bersch (2006) descreve que a TA deve promover a ampliação de uma habilidade funcional em defasagem ou uma possibilidade na ampliação da função desejada e que se encontra impedida por consequência da deficiência.

Assim, foi possível vivenciar momentos de reflexão sobre a aprendizagem desses alunos, unindo teoria e prática e enaltecendo, dessa maneira, ações pertinentes na tentativa de superar barreiras e disseminar informações capazes de ajudar no desenvolvimento do aluno com PC.

Foi perceptível a importância do planejamento dos conteúdos com os objetivos elencados e o replanejamento, conforme os desafios foram surgindo. Ressaltamos como o trabalho colaborativo faz a diferença no momento da resolução de problemas, evitando desencontros, unindo objetivos e ações, onde todos são responsáveis pelo processo educacional inclusivo. Reconhecemos a necessidade de uma avaliação contínua com acompanhamento direcionado às ações futuras e às realizadas até o momento, avaliando sempre a aprendizagem do aluno. E destacamos o papel do professor como mediador da aprendizagem, uma ponte entre sua atuação, os conteúdos e a aprendizagem desses alunos. É fundamental que professores analisem o uso dos recursos da TA, reflitam sobre suas ações e

trabalhem para uma inclusão de qualidade.

A estruturação desse trabalho segue uma lógica de que um aluno com diagnóstico de PC, com comprometimentos na área motora, necessitam de recursos da TA. No entanto, não basta apenas a aquisição do equipamento, é preciso desenvolver ações com intuito de trabalhar áreas do desenvolvimento e oportunizar experiências positivas, interações colocando-os em variadas situações de aprendizagem. Por meio desse estudo queremos contribuir para a efetivação de uma nova cultura em sala de aula, com visão e ações inclusivas e que contribua de forma efetiva para realização de um trabalho mais instigante, envolvente e inclusivo para as pessoas com PC.

Podemos verificar que além da necessidade de recursos para auxiliar na utilização do computador de forma autônoma, outros recursos da TA podem ajudar a desenvolver habilidades cognitivas e motoras. A CAA é uma ferramenta que contribui no processo de aprendizagem da pessoa com PC com prejuízos na fala, quando, muitas vezes, há a necessidade do oferecimento de estratégias que ajudam na interação dialógica, considerando que essa interação faz parte do desenvolvimento dos indivíduos e precisam ser trabalhadas.

A partir dessa percepção, conseguimos visualizar fatores importantes para o bom uso de recursos da TA e ações necessárias na rotina escolar. Ressalta-se que a prática pedagógica voltada para uma inclusão de qualidade deve considerar interesses e nas habilidades desses estudantes. Para isso, é imprescindível realizar uma avaliação da pessoa que utilizará o recurso, e observar os benefícios trazidos com o uso da TA.

Baseado em nossa pesquisa, podemos afirmar que o trabalho com recursos de acessibilidade ao computador e à CAA, entendidos como recursos da TA, possibilita maior autonomia e independência comunicacional, fazendo a diferença no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com PC. Em outras palavras, podemos afirmar que esses recursos têm suas definições ligadas ao desenvolvimento de ações que oportunizam uma educação inclusiva de qualidade, dando importância ao conhecimento destas áreas, contribuindo para uma prática educativa mais adequada as das dificuldades encontradas pelos alunos que apresentam limitações resultantes do quadro de deficiência.

Finalmente, e considerando necessidades que apareceram ainda antes do início desta pesquisa, um conjunto de orientações para o uso do teclado será

disponibilizado aos professores da instituição do participante. Questões de ordem teórica e prática devem compor momentos formativos cotidianos.

## REFERÊNCIAS

BERSCH, R. C. R. **Introdução a Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: 2017. Disponível em: [https://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf) acesso em: 20/02/2022

BERSCH, R. C. R; PELOSI, M. B. Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: **tecnologia assistiva: recursos de acessibilidade ao computador II**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BERSCH, R. C. R; SCHIRMER, C. et.al. **Tecnologia Assistiva no Processo Educacional**. In.: \_\_\_\_Ensaio pedagógicos - construindo escolas inclusivas. 1. ed. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

BESSA, V. H. **Teoria da aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2006.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial. Brasília, MEC, 2001.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida**. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. Brasília, MEC/SEMESP. 2020.

\_\_\_\_\_. Ata VII – **Comitê de Ajuda Técnicas – CAT**. Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (CORDE/SEDH/PR (2007). Disponível em: [https://www.assistiva.com.br/Ata\\_VII\\_Reuni%C3%A3o\\_do\\_Comite\\_de\\_Ajudas\\_T%C3%A9cnicas.pdf](https://www.assistiva.com.br/Ata_VII_Reuni%C3%A3o_do_Comite_de_Ajudas_T%C3%A9cnicas.pdf). Acessado em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm). Acessado em 22 jan2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.005/2014 Plano Nacional de Educação. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acessado em: 20 jan 2022.

CEREZUELA, C. (Org.). **Inclusão e Educação Especial na Educação Básica**: um estudo nas cinco regiões brasileiras. Maringá: Eduem, 2021.

CEREZUELA, C.; MORI, N. N. R.; SHIMAZAKI, E. M. A Trajetória Histórica da Educação Inclusiva. *In*: MORI, N. N. R.

CORCINI, M. A. C.; CASAGRANDE, R. C. Educação Especial e sua Trajetória Histórico-Política: Uma Abordagem por Meio de Grupos de Discussão. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado e Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Curitiba: SEED, 2018. v. 1. (cadernos PDE). Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1878>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CORREA, F. M. *et al.* **Práticas pedagógicas utilizadas para alunos com paralisia cerebral**. Marabá: VCPE, 2018.

COSTA, C. R. *et al.* Dispositivos de tecnologia assistiva: fatores relacionados ao abandono. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 611-624, 2015.

DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. C.; SANTOS, M. A. P. **Ética em Pesquisa Científica**: conceitos e finalidades. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155306>: Acesso em 10/03/2022.

DIAS, A. C. B. *et al.* Desempenho funcional de crianças com paralisia cerebral participante de tratamento multidisciplinar. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 225-9. 2010.

FONTANA, R.; CRUZ, M. N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1997.

FRANCO, M. A. M. **Paralisia Cerebral e Práticas Pedagógicas**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

GALVÃO F., T. Tecnologia Assistiva: favorecendo o desenvolvimento e a aprendizagem em contextos educacionais inclusivos. *In*: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. (Org.). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012, p. 65-92.

GARCIA, D. I. B. Aprendizagem e Desenvolvimento das Funções Complexas do Pensamento e a Deficiência Intelectual na Perspectiva Histórico-Cultural. *In*: SHIMAZAKI, E. M.; PACHECO, E. J. (Org.). **Deficiência e inclusão escolar**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2018.

GONÇALVES, A. K. S. **Estratégias Pedagógicas Inclusivas para Crianças com Paralisia Cerebral na Educação Infantil**. São Carlos: UFSCar, 2006.

KASSAR, M. C. M.; REBELO, A. S. Abordagens da Educação Especial no Brasil entre Final do Século XX e Início do Século XXI. **Rev. bras. educ. espec.** [online].

2018, vol. 24., p 51-68. ISSN 1980-5470. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382418000400005>. Acesso em: 18 mai. 2021.

KIJIMA, G. M. **Saberes e Práticas da Inclusão: Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de alunos com Deficiência Física / Neuro-motora.** Brasília: MEC/SEESP, 2005.

KLEINA, C. **Tecnologia Assistiva em educação especial e educação inclusiva.** Curitiba: InterSaberes, 2012.

LEITE, J. M. R. S.; PRADO, G. F. **Paralisia cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos.** Neurociências. UNIFESP-EPM. São Paulo, 2004.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978. p. 261-284.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LURIA. A. R. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

MATOS, J. A. S. **A Escola e o Percorso Educativo de Pessoas com Paralisia Cerebral: estudo de caso.** Salvador: UFB, 2011.

MENDES, E. G. **Breve Histórico da Educação Especial no Brasil.** Revista Educación y Pedagogía, vol. 22, núm. 57, maio-agosto, 2010.

MENDES, C. V. S. **A Inclusão do Aluno com Paralisia Cerebral: o Papel da Escola, Desafios e Construções.** Lisboa, 2021.

PFEIFER, L. I.; FUNAYAMA, C. A. R. **GMFCS - E&R: Sistema de classificação da função motora grossa- ampliado e revisto.** Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 2007.

REGO, T. C. **Uma perspectiva Histórico-cultural da educação.** 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROSA, F. C. P. **A Alfabetização de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista não Verbais.** Universidade Estadual de Maringá. Maringá. Eduem, 2022.

ROTTA, N. T. Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas. **Jornal de Pediatria.** vol. 78, Supl. 1, 2002.

ROTTA, N. T. **Neurologia e Aprendizagem: Abordagem Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANCHEZ, P. A. A educação inclusiva: um meio de construir escola para todos no

século XXI. **Revista de Educação Especial**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 07-18, out. 2005.

SANCHEZ G. C.; ALMEIDA, R. C. G. O.; GONÇALVES, A. G. Inclusão Escolar: Os desafios de alunos com Paralisia Cerebral em seu processo de Escolarização. **REVELI** v. 9, n. 2. p. 27-39. ISSN 1984 – 6576. Jun. 2017.

SCHIRMER, C.; BERSCH, R. C. R. *et al.* **Atendimento Educacional Especializado**: deficiência física. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SFORNI, M. S. F.; JUNIOR, A. P. O. Leontiev e o desenvolvimento humano: Implicações Educacionais. *In*: NAGEL, L. H.; CARVALHO; E. J. G.; MACHADO, M. C. G. (Org.). **Bases teóricas e práticas da educação brasileira**. Maringá: Eduem, 2018.

SHIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; PACHECO, E. R. Sobre Educação Especial em Pesquisas. *In*: SHIMAZAKI, E. M.; PACHECO, E. R. **Deficiência e inclusão escolar**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2018, p. 17-26.

SILVA, A. M. **Educação Especial e Inclusão Escolar**: História e Fundamentos. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SILVA, M. A. M. CEREZUELA, C.; LIMA, S. M. T. Recursos Metodológicos e Tecnologia Assistiva: O atendimento ao Aluno com Deficiência Física. *In*: SHIMAZAKI, E. M.; PACHECO, E. R. **Deficiência e inclusão escolar**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2018, p. 165-186.

SILVA, F. G.; MENEZES, H. C. S.; OLIVEIRA, D. A. de. **Um Estudo Sobre a Defectologia na Perspectiva Vigotskiana**: a Aprendizagem do Deficiente Intelectual em Reflexão. XI Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. Curitiba, 2013.

STRIQUER, M. S. D. **O processo de mediação**: das definições teóricas às propostas pedagógicas. Recife: Eutomia, 2017.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da pessoa anormal. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a12v37n4.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Obras completas**. Tomo V. Fundamentos de defectologia. Cascavel: EDUNIOESTE, 2019.

\_\_\_\_\_. **Obras escogidas**: fundamentos de defectología. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Problemas da defectologia**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VIGOTSKI, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos

processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *In*: IVIC, Ivan (Org.). **Lev Semionovich Vygotsky**. Coleção Educadores. São Paulo: Martins Fontes/MEC, 2010.

LURIA A. R.; LEONTIEV, A.; VIGOTSKI, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 07 abr. 2022.